

ENTREVISTA

O feminino e o masculino no social e no ficcional

José Wilker

Gênero: Como você vê a questão homossexual e as práticas sexuais de exceção em nossa cultura?

Os gregos estavam pouco ligando para a questão do preconceito contra o homossexualismo, pois ter um namorado (de preferência jovem) era símbolo de status social. Para eles a mulher não tinha a menor importância. A era cristã vai inverter essas coisas. Mesmo na era cristã a vivência do homossexualismo vai ter lugar. Mas a moral sexual vai ser alterada: apregoa-se pelo cânone religioso cristão ocidental o sexo para a procriação... porém, a mulher só tem uma possibilidade por mês de procriar! O que isso significa: uma relação sexual por mês, um condicionamento repressivo que é um estímulo à infidelidade, ao onanismo, ao distanciamento entre os casais... acabando com a visão de naturalidade da prática sexual.

Gênero: Mas mesmo entre as estruturas sociais mais próximas da natureza existem interdições em matéria sexual!

Mas entre as interdições e as práticas existe um fosso. Veja os casos de incesto nas camadas populares, ou a prática da poligamia que é lugar comum no oriente, entre os árabes e mesmo no nosso Nordeste brasileiro.

Gênero: A masculinidade assumiu historicamente diferentes moldes. No ocidente os traços da combatividade do guerreiro, se misturam, atualmente com traços de feminilidade do pai moderno... há mesmo um acúmulo do homem posterior ao movimento feminista. Como você vê essa questão no Brasil?

O Brasil é um país que finge que não é machista, bem como não se assume racista, ou pobre. O Brasil finge que é macho, mas tem um contingente de 16 milhões de gays, que constituem um mercado de consumo extremamente importante, com êxito social, que abrange desde a publicação de revistas temáticas à criação de produtos especializados. Brincando pode se dizer que o homossexualismo se não se reproduz, certamente se alastra.

Ao mesmo tempo que nos descobrimos numa sociedade com esse perfil, há um imenso preconceito contra o homossexual! Somos um país que finge! Ao mesmo tempo em que as pessoas vão para a rua em passeatas tipo GLS... o pequeno burguês clássico toma aquilo como folclore, coisa pitoresca. Porém a própria *Drag Queen* vista como pitoresca pelo espectador, vai se exhibir e ver a si mesma como coisa pitoresca, paradoxalmente.

Sobre o Brasil, acho que seu perfil ainda está para se delineado com clareza. Os EUA são mais novos que nós... mas nossos 500 anos tem um outro perfil. O ensino da doutrina religiosa católica apostólica romana associava, no Brasil, o lucro e a vitória à coisa do diabo. Os americanos com o protestantismo associavam o ganhar, o estar a frente, como coisa positiva e boa. Se falamos de *Woman's lib* e *Gay liberation* nos EUA, isso faz sentido diferente, mas se falamos disso em nosso país, ainda vai levar algum tempo para que se possa considerá-la como vida social importante, que ganhe eco. Vou traçar um paralelo com nossos grupos de esquerda teatral, que durante muitos anos encenaram para um público que não precisava ser convencido...

Gênero: Houve modificação do papel dos homens nesses últimos vinte anos?

Quando o Brasil deixou de ser rural como há 50 anos atrás, evidentemente que relações pessoais e familiares foram se alterando... antigamente se o sujeito se afirmava agressivamente, em casa e na rua, sem fraquezas, isso era coerente para o modelo de homem vitorioso. Ele trazia para casa o comportamento que tinha na rua. Quando se iniciou a divisão de tarefas no domínio familiar, os papéis sofreram alterações... o homem se tornou mais soft, com contato pessoal mais delicado.... o que não significa que essa alteração tenha se tornado regra geral!

Desde sempre temos os traços femininos e masculinos no mesmo corpo. Difícil tem sido admiti-los e exerce-los.

Gênero: Como você constrói a múltipla expressividade masculina de seus personagens, de Vadinho em Dona Flor até Tenório Cavalcanti e Conselheiro?

Um personagem como Vadinho é construído por extremos de personalidade, não tendo limites... Ele se achava o maior "macho" do mundo. Bêbado, galinha e ladrão, péssimo marido, porém, as pessoas o adoram! Esse tipo de personalidade também aparece, no cinema americano dos anos 30 e 40: repare James Cagney, Humphrey Bogart, Robert Mitchum, atores que representam personagens que carregam os malefícios, as baixices do mundo, a inadequação... mas provocam em nós a simpatia, porque possuem um lado vulnerável... um lado feminino, portanto. É o lado que provoca a identificação do público!

No caso do "Homem da Capa Preta", Tenório Cavalcanti, a história é outra. Eu o conheci pessoalmente numa sala no Leblon, onde ele assistia filmagens. Na primeira vez que ele se apresentou a mim foi com a capa preta e vermelha, chapéu preto, todo de preto e armado de metralhadora, com o dedo duro que não dobrava, pois havia sido baleado. Associei imediatamente à pessoa de um Mick Jagger! Não tinha que imitá-lo nem ouvi-lo mais, mas começar a interpretação com base nas minhas próprias reações, pois não se tratava de um documentário, era um filme-ficção. A mesma veneração que as filhas demonstravam ter por ele, era encontrada no povo, guardada a devida distância para com o ídolo. A própria mulher bloqueou a aproximação com ele tornando-se surda durante muitos anos...

A idéia que tive quanto ao Antônio Conselheiro, afora uma caracterização que me pesava muito, não foi derivada da única foto existente, único registro físico feito dele morto. As próprias descrições do personagem são opostas, de Euclides da Cunha a outros autores, que variam muito. Me concentrei então nos ícones, na forma em que ele foi esculpido pela lembrança popular: mais que uma pessoa, ele era também estátua de barro, estátua que se movia em vida, que falava. Essa fala foi registrada por mim marcando o tempo de vida diferenciado através da voz: antes mais ágil, depois mais lento, mais poético, finalmente só um eco... A idéia era corresponder à memória que se tinha dele. Não, a memória do memorialista ou historiador, mas, do homem que tinha fé. Afinal de contas, esse personagem foi um homem, uma liderança que convenceu 30 ou 40 mil pessoas a se confinar num gueto para morrer... As questões históricas e políticas do episódio tiveram âmbito nacional, federal, bem como caráter econômico (derivada do comércio extrativista) misturado à apreensões da república recém-instalada!

A história do *homem* anterior ao *mito* Conselheiro, anterior a Canudos, ainda está para ser contada; existem várias versões não postas no filme.

